



Associação para o Estudo e Defesa do Ambiente do Concelho de Alenquer

A Pedreira do Cone Vulcânico de Meca

O Cabeço de Meca é uma das mais singulares referências geográficas e culturais do concelho de Alenquer. Com 280 m de altitude, o Cabeço avista-se dos 4 cantos do concelho, mas ainda assim, a sua altitude actual será porventura uma pálida imagem da imponência que alcançou noutra tempo geológico. Embora constitua uma referência para todos, o que nem todos saberão é que o Cabeço de Meca é uma chaminé vulcânica que Zbyszewski, o famoso geólogo francês responsável pela elaboração da Carta Geológica de Portugal datou de há 50 a 70 milhões de anos, quando esta região do globo era afectada por acidentes tectónicos. Nessa altura o cone vulcânico poderá ter-se elevado até aos 2000m, como qualquer grande vulcão, vindo, depois de extinto, a perder altitude por força da erosão. A “notável chaminé de Santa Quitéria de Meca”, como Zbyszewski lhe chamou, pela sua singularidade, teve em tempos a capacidade de provocar a reverência do Homem. As festas de Meca, associadas à notável basílica construída no local, foram ainda num passado recente, importantes cultos rurais associados à renovação primaveril, porventura com origens pré-cristãs.

Desaparecidas as sociedades rurais e perdida a reverência pela montanha, surge no cone vulcânico de Meca a exploração em grande escala de uma pedreira de basalto.

Licenciada em 1997, em 2004 o Cabeço já estava completamente devastado. As cotas de exploração licenciadas no plano de lavra, foram largamente ultrapassadas, sem que, aparentemente, ninguém tenha reparado nisso. A profundidade máxima licenciada eram os 230 metros – sensivelmente a mesma altitude a que está instalado o equipamento de britagem que pode ser avistado por todos – mas a profundidade da corta ultrapassa esta marca em pelo menos 20 ou 30 metros. Segundo a legislação em vigor, as pedreiras estão sujeitas a inspecções por parte da Direcção Regional de Economia de Lisboa e Vale do Tejo, da Comissão de Coordenação Regional, e das Câmaras Municipais, mas pelo s vistos ninguém viu nada. Além disso, têm de ser elaborados anualmente relatórios e mapas estatísticos da exploração, a serem enviados às entidades fiscalizadoras. Mas pelos vistos, ninguém os leu. A impressão que fica, é que, apesar de todos estes atropelos, a exploração da pedreira só parou quando foi atingido o nível freático, e a corta ficou transformada num enorme lago, com vários metros de profundidade e muitos milhares de metros cúbicos de água. Então sim, por



Associação para o Estudo e Defesa do Ambiente do Concelho de Alenquer

impossibilidade prática de prosseguir os trabalhos, a exploração da pedreira teve finalmente de parar.

Mas os atropelos não ficam por aqui. Finda a exploração, haveria que iniciar os trabalhos de recuperação paisagística do local, como determina a lei em vigor. Até 2001, não era certo que isso acontecesse, mas o então Ministro do Ambiente José Sócrates publicou nesse ano, legislação que obrigou as pedreiras a elaborarem Planos de Recuperação Paisagística e a constituírem cauções bancárias que garantissem a sua aplicação. A exploração da pedreira do Cabeço de Meca parou à três anos, mas afinal nem as leis mais determinadas ou as garantias bancárias lhe valem. Pelos vistos alguém entende que isso da recuperação paisagística de pedreiras, era tudo a brincar.